

Produções de masculinidades no contexto da violência de gênero

*Mary Alves Mendes*¹

*Valdonilson Barbosa dos Santos*²

Introdução

Em geral, observa-se que a reprodução dos valores tradicionais de gênero está presente nos sujeitos investigados nessa pesquisa, o que inclui não somente os homens que se encontram na situação de acusados de agressão, mas também as mulheres na situação de vítimas e os profissionais da segurança pública que lidam com esse tipo de violência. As mulheres, em particular, são partes integrantes na constituição das relações de gênero e não só resistem aos valores e práticas tradicionais de gênero, mas também corroboram na sua manutenção (BOURDIEU, 2010).

Acredita-se que esses valores são constituídos e sedimentados em suas personalidades como reflexos de um longo e duradouro processo de socialização e sociabilidades adquirido nas suas trajetórias de vida. O que não significa afirmar que tais processos são determinísticos e exclusivos na constituição desses sujeitos ou que sejam manipulados e dominados pelas estruturas sociais e cultura, mas que são fortes indicadores de suas identidades e, conseqüentemente, de suas ações e comportamentos.

1 Doutora em Sociologia, professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Piauí, Campus Petrônio Portella – Teresina-PI. mryam@uol.com.br

2 Doutor em Antropologia e professor da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sumé-PB. valdonilson.santos@uol.com.br

Percebe-se que os modos como esses valores são introjetados em suas histórias de vida e as formas como os internalizam, enquanto *habitus*, dependem das situações e contextos vividos, assim como das formas com que (re)significam tais valores, podendo, pois, manifestar-se de forma mais ou menos clara ou velada, intensa ou fraca, frequente ou rara em suas práticas e comportamentos cotidianos (MENDES, 2005).

Não se pode desconhecer a força desses valores socioculturais na constituição das relações de gênero, dos sujeitos que as engendram, e que se constituem nas bases referenciais das práticas violentas. Por outro lado, não se pode afirmar que os valores tradicionais de gênero, especialmente aqueles traduzidos pelo modelo tradicional (hegemônico) de masculinidade, se apresentem em suas características puras no perfil ou identidade de todos os homens aqui pesquisados, haja visto se perceber que transitam entre modelos diferentes de masculinidades, ou seja, possuem características que demarcam práticas tradicionais e ao mesmo tempo incorporam outras que escapam delas.

Apesar de na maioria dos discursos masculinos haver um reforço ao modelo tradicional de gênero, esses não deixam de perceber e acatar de bom grado algumas mudanças que vêm ocorrendo na esfera das relações entre homens e mulheres. Reconhecem que hoje as mulheres ocupam espaços antes exclusivos para homens, que elas cada vez mais estão se inserindo no mercado de trabalho, estudando mais, etc, portanto, reconhecendo que possuem mais autonomia, liberdade e individualidade. No entanto, tais características não são traduzidas como um tipo de dominação feminina por eles, ou seja, mulher independente não quer dizer que vai controlar o homem. E mesmo quando há qualquer sinal de perda de poder, por parte deles, utilizam-se da violência como forma de “correção” da ordem social de gênero.

Dessa forma, tratar as práticas discursivas de gênero, especialmente dos homens acusados de agressão, não é objeto simples de análise, dada a complexidade que envolve as questões de gênero, pois embora se saiba que as bases referenciais dos discursos masculinos são tradicionais e machistas, esse fato não legitima todas as falas, aqui analisadas, ao ponto de transformá-las num quadro unificador. Nesse contexto discursivo o qual, à primeira vista, parece uma mesmice de práticas e motivos sobre

violência, aparece uma diversificação de situações e ações que se tentou compreendê-las construindo eixos e sub-eixos interpretativos, como forma de apreender os significados dos discursos masculinos acerca das práticas violentas de gênero.

Sendo assim, enxergaram-se os discursos dos sujeitos, em discussão, a partir de dois eixos interpretativos: 1) como as relações de gênero devem ser e 2) como essas relações estão sendo. Desse modo, percebeu-se que os homens: 1) reforçam a importância do controle masculino no cumprimento das normas relativas aos papéis tradicionais de gênero; e 2) reconhecem um crescimento na autonomia feminina que gera neles certo inconformismo.

Produzindo masculinidades e “fantasiando” poder

Nos discursos dos homens, havia uma forte tendência para preservar as normas tradicionais das relações de gênero. Sendo eles os porta-vozes dessa preservação e os defensores do modelo tradicional, justificavam o fato de estarem na delegacia porque discutiram com a parceira ou ex-parceira que tinha deixado de cumprir algo que socialmente estava estabelecido nas normas de gênero. Com isso questionavam o propósito de serem obrigados a depor, já que estavam crenes que nada fizeram, apenas resguardaram os valores morais que homens e mulheres deveriam cumprir. Nesse sentido, perceberam que são cumpridores desses valores quando exigiam que as mulheres cuidassem bem da casa, dos filhos e do marido ou quando exigiam que fosse mantida a divisão sexual do trabalho.

A provisão da família é também uma das características apresentadas pelos homens no sentido de resguardar as normas tradicionais de gênero. É um elemento importante de autoridade e controle dos homens sobre as mulheres, estejam elas na condição de atuais companheiras ou ex-companheiras. As práticas violentas são secundarizadas diante do cumprimento desse atributo importante de masculinidade. Vidal³, por exemplo, ressalta o fato de ter sido um provedor exemplar, de nunca ter deixado faltar nada em casa, de ter deixado duas casas para a ex-esposa e diz que ainda assim ela teve coragem de denunciá-lo, ou seja, algo imperdoável

3 Todos os nomes dos informantes são fictícios para preservar a sua identidade.

“denunciar um homem de bem, que nunca foi numa delegacia, que vive do fruto do seu trabalho”.

Sustentar a família é um dos atributos centrais do modelo tradicional de masculinidade, como se orgulha Valdemar ao dizer *“eu sempre fui um homem que nunca deixou faltar nada em casa, quando eu pedi a ela para não ir trabalhar foi para que ela ficasse cuidando da nossa filha”*. No discurso de Valdemar está implícito que não há taxativamente uma proibição do trabalho feminino fora da casa, mas que não aceita porque esse impede que ela cuide dos filhos.

Contudo, o discurso de Valdemar possui ambiguidades. Em determinados momentos do seu depoimento, diz que não é contra o fato da sua, então, esposa trabalhar e estudar, apenas não via sentido naquele momento da vida conjugal do casal, já que tinham uma filha pequena e que, se caso ela saísse para trabalhar, seria necessário a contratação de babá. No entanto, em outros momentos, diz não entender o fato de a mulher rejeitar um homem que nunca deixou faltar nada em casa. Como os espaços das DEAMs são vistos pelos homens como um espaço de defesa das mulheres e acusação dos homens, isso explica a ambiguidade em seu discurso. Por ser um espaço “inimigo”, estrategicamente há a construção de um discurso de homem compreensivo, que não é contra a liberdade e autonomia feminina, desde que isso não desarrume a organização doméstica.

Observa-se, pois, que a afirmação do que é ser homem passa pelo sustento da família, seja como provedores principais ou únicos da família. Serem responsáveis pelos recursos financeiros da família, os fazem proprietários dos bens e dos membros da família, incluindo principalmente suas mulheres. Nas brigas conjugais é frequente a alegação de que são os verdadeiros proprietários de todos os bens ali presentes, inclusive da própria casa que habita a família, uma forma de humilhar as companheiras, mostrando-lhes o lugar de dependentes no contexto familiar. Como dependentes, cabe-lhes obediência e respeito àquele que é seu marido e lhe sustenta⁴.

4 Segundo Oliveira (2004, p. 184), setenta e oito pontos percentuais (78%) dos maridos (ou companheiros) que batiam em suas mulheres mencionam como motivo para a agressão o fato de elas não executarem adequadamente seus afazeres domésticos em casa.

Geralmente discordam de mudanças nas atribuições tradicionais de gênero, confirmando o modelo tradicional da divisão sexual do trabalho no âmbito doméstico, mulheres cuidando da casa e dos filhos e homens responsáveis pela provisão da família. Cumprir o papel de provedor que nunca deixou faltar nada em casa já é algo que, por si só, justifica a esposa ficar em casa cuidando do lar e dos filhos, não havendo necessidade, portanto, de trabalhar fora.

A provisão masculina como forma de controle de mulheres também aparece através dos filhos, particularmente no pagamento da pensão alimentícia, quando separados de suas companheiras. Trata-se de uma forma de controle feminino à distância. Novamente, os recursos financeiros são utilizados como arma estratégica para controlar as ações e comportamentos das ex-companheiras. Tal estratégia visa a evitar que a referida pensão seja desviada para gastos pessoais com a ex-mulher e/ou com futuros namorados/companheiros que venha a ter.

Por esse motivo, alguns homens recusam-se a entregar às ex-companheiras o dinheiro em espécie para gasto com o filho, optando em transformá-lo em gêneros alimentícios: *“o que a criança precisa eu dou, mas dinheiro eu não dou...”* (Veto). Nessa escolha, ainda, tomam o cuidado de comprar alimentos exclusivos para crianças, impedindo que as mães se utilizem da alimentação do filho: *“Se eu der dinheiro pra ela, ela gasta tudo com futilidade, roupas, etc.”* (Valarico). Fazendo isso, impede ou tenta impedir uma possível autonomia de sua ex-companheira. Claro que sua justificativa é de que ela é fútil, não destinaria o dinheiro para comprar o estritamente necessário para os filhos, indicando que não é uma boa mãe, não pensa nos filhos. No seu entendimento uma boa mãe, entre outras coisas, garante o bem-estar da família, gerindo adequadamente os recursos financeiros da família.

Tal situação se torna ainda mais problemática quando a ex-companheira já tem novo namorado ou companheiro, cabendo também a ele o impedimento de usufruir dos recursos direcionados ao filho. *“Ela disse que ia colocar outro macho dentro de casa para usufruir das coisas que eu comprei”*. Considera inconcebível que ela usufrua (juntamente com outro

macho) dos objetos que fora comprado com o fruto do *seu suor*. Como forma de impedir o uso inapropriado de certos objetos, resolve quebrá-los. Por ter comprado as coisas, se considera portador do direito de fazer o que quiser, inclusive quebrá-los.

Ele acrescenta, para confirmar seu posicionamento, que ela deixou de levar um dos filhos para UPA⁵, sob o pretexto de que iria se divertir na balada, “*como pode uma mãe de família deixar suas obrigações para ir a uma festa?*” Não passa pela cabeça dele que isso possa ter sido uma estratégia feminina para dividir as obrigações, ela diz “*Te vira aí, tu não é pai não..*” (Ex-companheira de Valarico). Na visão de mundo de Valarico trata-se do não cumprimento de uma norma tácita de que as mulheres devem sempre estar de prontidão para cuidar dos filhos, em qualquer que seja a situação.

Nesse sentido, os filhos são as pontes que ligam as práticas ou a vontade de controlar as ex-companheiras, consideradas por eles como “descontroladas”. A atribuição de descontrole às mulheres está associada a forte carga emotiva, a fragilidade que carregam e as decisões impensadas que tomam. As situações consideradas como descontrole feminino podem significar escândalo público cometido por elas diante do conhecimento de que foram traídas, a decisão de separar, a criação desregrada dos filhos na condição de separadas e “escapulidas” femininas. Nessas situações, cabem a elas tentativas intermitentes de controle das ex-companheiras, mesmo à distância, visando a restaurar a ordem desfeita com a separação, sobretudo, as consequências danosas dessa decisão, que é a ausência masculina no domicílio (SARTI, 1996).

Outros homens presentes na vida delas e dos seus filhos é motivo de vigilância dobrada sobre as formas de criação e cuidados dos menores. Percebe-se haver, frequentemente, calúnias e ameaças endereçadas a elas alegando serem mães desnaturadas, irresponsáveis ou imorais, que deixam os filhos largados, além de despudoradas ao trocar carícias com os namorados na frente dos filhos. Desse modo, justificam as práticas violentas endereçadas às ex-companheiras e seus namorados alegando defesa da honra dos(as) filhos(as), culpabilizando-as de depravarem o lar ao colocar

5 Unidade de Pronto Atendimento.

outro homem em casa e namorar na frente dos filhos, o que é interpretado como mau exemplo e comportamento de *puta*.

Algumas vezes, deixam subentendido ou claramente verbalizado, que os namorados ou novos companheiros de suas ex-mulheres não são homens de verdade, mas “moleques”, “vagabundos”, visto que não cumprem a função verdadeira de um homem que está assumindo uma família, sendo o seu provedor, mesmo quando a prole não é sua. Quando reclamações desse tipo são feitas diretamente ao namorado da ex-companheira, mostra que assuntos como esses se resolvem de “*homem para homem*”, provando, assim, quem é mais homem, quem respeita quem, quem amedronta quem, quem é digno de gozar da prerrogativa de ser considerado *homem de verdade*. Mostrando que ela fez uma besteira ao trocar de parceiro.

Um dos aspectos centrais que move os conflitos familiares gira principalmente em torno da criação dos filhos. Cada qual buscando exigir do outro a melhor forma de cumprir seu papel de pai ou de mãe, cabendo a mulher a função de ficar com a criança em caso de separação, como geralmente acontece. Raros são os casos em que o homem fica com a guarda dos filhos. Ser pai é um dos pré-requisitos para ser um *homem de verdade*, na concepção dos homens pesquisados. Porque garante ao homem/pai o estatuto de um homem viril, capaz de engravidar uma mulher.

Mas, ser pai também traz consigo uma série de atribuições, de deveres que coadunam com o que se espera de um homem pai de família, capaz de educar os filhos e prover a família. Mesmo em casos de separação, essas atribuições e deveres paternos não desaparecem e, nesse caso específico, são resgatados no sentido de construir uma imagem de gênero que se espera. Nesse sentido, ter pouca atenção com os filhos, se atrasar nos dias de visita, deixar de ficar com eles para ir beber são falhas apontadas pelas mulheres que explicitam quais as expectativas esperadas de um homem pai de família. Na medida em que tais expectativas não são preenchidas vai haver um questionamento sobre o modo tradicional de masculinidade, como diz a ex-parceira de Valério: “*you não cumpre seu papel de pai*”.

A criação dos filhos sempre está no centro do jogo de negociação das relações conjugais, sendo regido pela ordem de gênero: “*eu pedia para ela*

cuidar dos afazeres domésticos direito, exigia que ela cuidasse dos meninos” (Vitor). O não cumprimento das tarefas domésticas, como cuidar da casa e dos filhos, são apontados por alguns homens para justificar casos de separações, discussões e agressões, justamente por desviar o rumo natural de como deve se processar as relações de gênero. Quando as mulheres não cumprem a divisão sexual do trabalho tradicional, deixando de fazer as tarefas domésticas e/ou traindo o marido, cabe ao homem agir, de alguma forma, para proteger a ordem de gênero tradicional, como maneira de garantir uma vida conjugal adequada aos princípios de tal ordem.

A presença de um filho que não é do casal é apontada, em alguns casos, como um dos problemas da relação conjugal. *Viriato*, por exemplo, não tem autoridade perante o filho de sua companheira. A ausência dessa autoridade o deixa incomodado porque ele não exerce um atributo importante: a autoridade. Autoridade esta que, na sua visão, deveria se estender a todos os membros da casa. Seu papel de chefe da família vai se esvaindo na medida em que não consegue acionar a lógica da dominação.

Essa perda de autoridade é expressa através da queixa de que a companheira deixa de fazer as tarefas domésticas para ficar conversando com as amigas. Quando reclamada, ela questiona sua autoridade. Tal questionamento é possibilitado pela posse da residência. Mesmo tendo ele contribuído para reformar a casa, isso não o dava direito de propriedade, sendo usado por ela como mecanismo de equalização das relações de poder. Se por um lado, ele era o provedor da casa, por outro, ela era a proprietária da casa.

A divisão sexual do trabalho, portanto, é um aspecto que perpassa os conflitos conjugais. Tal divisão obedece às “ordens lógicas” que um grupo ou determinados grupos entendem como certas. Para muitos homens, o fato de as parceiras conjugais trabalharem fora de casa contraria essas ordens lógicas. Para muitos, cabe ainda ao homem o papel de provedor, não havendo necessidade do trabalho feminino, sendo este necessário apenas quando a renda do trabalho masculino for insuficiente para o sustento da família.

Se, por um lado, a divisão sexual do trabalho, em seu modo tradicional, é apresentada como desencadeador de práticas violentas, por

outro lado, as separações ganham coloridos fortes nesse *metier* de práticas violentas. Observou-se que as separações estão relacionadas à suspeita de traição feminina ou ainda quando as mulheres decidem⁶ por elas, porque não aguentam mais os comportamentos masculinos: viver bêbado, ser muito mulherengo, ser descuidado com a manutenção da ordem moral e econômica da família, etc. Os exemplos a seguir demonstram a associação entre a dificuldade masculina de lidar com a separação e sua justificativa no sentido de reforçar as normas tradicionais de gênero. Mostram que eles entendem que estão corretos quanto à manutenção dessas normas, e como as mulheres estão erradas por se distanciarem, algumas vezes, delas.

Quando a separação é uma decisão feminina, os homens interpretam que eles estão perdendo o poder de decisão. E aí se coloca o limite da aceitação masculina frente à autonomia e liberdade feminina. Essas coisas não podem pôr em xeque a legitimidade do poder masculino, por isso a produção da violência não é a plena realização da dominação, mas a iminente perda de poder. O sentimento de posse toma conta e a consequente perda dela leva muitos homens a agirem de forma violenta, chegando até a assassinar suas companheiras. *“Se você não morar comigo não mora com homem nenhum mais. Ele vive me perturbando no meu emprego, vive me ligando para me ameaçar, tirar meu juízo. Me chama de porra, caralho”* (ex-companheira de Valmor).

Quando a tônica do relacionamento é pautada por agressões físicas, bater na esposa está vinculado ao modo de expressar sua virilidade. A separação é a saída: *“Não vou querer uma mulher que não dar valor ao que tem”* (Valter). Quem ordena também obedece. O conteúdo das ordens está fixado pelo modelo de dominação masculina. Nesse caso, obedece a uma estrutura de dominação masculina que tende a naturalizar as relações sociais. No entanto, percebe-se que o poder do macho está sendo destituído e deslegitimado por uma nova ordem social que valoriza os princípios da igualdade de gênero. A dominação masculina, no entanto, não se trata de uma continuidade decorrente do funcionamento do sistema social já dado, nem do exercício de um consenso geral, mas de uma persistência

6 No eixo interpretativo sobre a crescente autonomia feminina e o conformismo masculino será discutido como os homens lidam com a separação frente ao empoderamento feminino.

problemática que envolve o confronto de interesses e a possibilidade sempre presente de ruptura por abandono, pelos dominados, da crença da legitimidade dos mandatos.

No corolário que fortalece as normas tradicionais de gênero, presente nos discursos dos homens pesquisados, está a ideia do domínio sobre a casa do cônjuge e até mesmo, algumas vezes, sobre a casa da ex-companheira. Esse domínio se configura como um atributo importante no sentido de demonstrar que a dominação masculina ainda persiste.

A violação do espaço doméstico é uma estratégia masculina de afastamento de outros homens, sobretudo, a figura intrusa do namorado/companheiro, culpado por ter tirado a harmonia do lar, afrontado o seu domínio e controle sobre a mulher e a prole, se existir. A presença recente de outro homem na casa, depois da separação, torna-se uma afronta diante de um relacionamento que mal acabou, criando a suspeita de que no curso normal da relação, a companheira possa ter se interessado por esse outro homem, configurando numa traição: “*já botasse outro macho na minha casa*” (Vianney). Entende, pois, que continua sendo o proprietário da casa e, assim, pode entrar e sair quando bem entender, afinal como disse “*é minha casa*”. Quanto a Vianney, sua ex-companheira o denunciou por ameaça de morte, teria dito ele: “*se não ficar comigo não fica com mais ninguém*”. Ele nega que tenha feito ameaça de morte a ela, confirma que houve discussão, que se exaltou ao ver outro cara na “casa dele”, mas considera natural haver xingamentos recíprocos, troca de insultos e até mesmo empurra-empurra. Percebe-se que, diante da perda de poder, Vianney aciona a estratégia masculina: o uso da violência como recurso último para resgatar a realização da dominação masculina no âmbito conjugal.

Mais uma vez, repete-se o modo como alguns homens veem a questão da posse, tanto dos objetos como das pessoas. O fato de ter comprado objetos para casa, para a namorada, esposa, companheira, parece mais ser uma espécie de concessão. Elas não detêm a posse definitiva desses bens porque em momentos cruciais dos conflitos conjugais eles quebram e tomam para si esses objetos. Como foi comprado com o “suor” do seu trabalho, creem que a qualquer momento podem destituir a posse desses objetos. Na

verdade, essa prática reforça o modelo machista de comportamento, em que os objetos são usados como instrumentos de controle sobre as pessoas, no caso, sobre as companheiras e até ex-companheiras. O domínio sobre elas atravessa vários níveis da relação conjugal, desde o controle dos objetos, passando pelas pressões psicológicas e indo até a violência explícita.

Se há o reconhecimento dos homens de que as relações de gênero estão mudando, existe um aspecto que parece intocável, trata-se da sexualidade. A sexualidade parece apontar para o limite masculino quanto à liberdade feminina. Por isso, as relações sexuais se apresentam como desencadeador das práticas violentas. No plano dessas relações, os homens pesquisados não entendem que seja algo a ser negociável entre o casal, mas uma obrigação natural estabelecida com a união.

Para Valeriano, por exemplo, a mulher tem a obrigação, enquanto esposa, de ter relações sexuais com o marido. Nesse caso particular, ele usa tais relações para impor sua vontade, seja forçando-a ou chantageando-a através do sexo: *“Se você não fizer sexo comigo todo dia eu não saio da casa...”*. O casal já vinha brigando e a separação estava por acontecer. A casa onde morava era de propriedade dela, mas ele tinha uma participação porque foram feitas algumas reformas e ele quem patrocinou. Diante das brigas, sua companheira insistia para que ele saísse da residência, diante de tanta insistência se anuncia que sua saída do lar estava vinculada à condição dela ter relações sexuais todos os dias durante certo período de tempo. Sua companheira ainda reforça que ele teve relações sexuais sem a sua vontade, causando até desmaio. Depois de desmaiar, ele ainda teria dito que transaria com ela assim mesmo.

Os casos interpretados aqui demonstram como, nos discursos dos homens acusados de violência conjugal, há uma referência ao modelo tradicional de gênero, reproduzindo uma gama de expectativas normativas de como as relações de gênero devem ser: divisão sexual do trabalho tradicional, sendo preferencialmente o homem o provedor e a mulher a responsável pelos cuidados com a casa e com os filhos. A gramática de masculinidade desses homens é guiada por estas normas. Por isso, quando as mulheres se “desviam” do que eles acham serem ações corretas buscam

impor a elas as normatividades desse modelo, mesmo que seja na base da violência.

O recurso à violência é um artifício utilizado quando eles percebem que a fuga a essa normatividade já tem minado seu poder nas relações conjugais. Sua dominação não é mais considerada legítima, já que a autoridade é incompatível com a utilização de meios externos de coerção⁷ – Mesmo assim, ainda continuam tendo uma fantasia de poder (MOORE, 2000), procurando exercer alguma forma de controle sobre a parceira ou ex-parceira.

Nas DEAMs, os homens tentam reproduzir seus conhecimentos sobre as relações tradicionais de gênero e enfatizam o não respeito das mulheres às normatividades dessas relações. Mostram-se como porta-vozes do comportamento correto de gênero, que deveria ser seguido tanto pelos homens como pelas mulheres. Por isso, mecanismos de controle, acusação, proibição, são mecanismos masculinos de fazer com que as mulheres trilhem por caminhos tradicionais de gênero.

No próximo item será abordado como os homens se deparam com situações que indicam autonomia e independência feminina.

Reconhecimento e resistências masculinas frente à autonomia e independência feminina

Um fator perturbador da lógica de dominação masculina são as mudanças de comportamento feminino, de certa forma, reflexo das lutas feministas⁸ que levaram as mulheres a atuarem em esferas e atividades tradicionalmente endereçadas aos homens. Essas mudanças, reconhecidas pelos homens, refletem nas relações de gênero cotidianas e diante delas eles parecem confusos, perdidos e resistentes. Como, por exemplo, pode-se observar no depoimento de um homem que se mostrava indignado pelo

7 “onde a força é usada, a autoridade em si mesma fracassou. Há um decréscimo de poder; poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder está em risco, mas, deixada a seu próprio curso, ela conduz à desapareção do poder” (ARENDETT, 2009, p. 44).

8 O feminismo é um movimento político e intelectual que luta pelo fim da dominação de um gênero sobre outro, questionando suas desigualdades e o papel da mulher na sociedade, procurando promover a igualdade entre mulheres e homens.

fato da ex-companheira colocar, em público, o dedo em riste no seu rosto, atitude inadmissível de ser suportada por um homem.

Tal postura evidencia a coragem feminina de enfrentá-lo, ao tempo que expõe as fragilidades de uma dominação masculina. Um dedo no rosto simboliza uma das maiores afrontas no mundo masculino, principalmente quando vem de uma mulher-esposa ou mulher de família, da qual esperam obediência, conformação e postura conservadora, diferentemente da mulher-da-rua (DAMATTA, 1997). Na medida em que tais expectativas não são atendidas, implica no reconhecimento da existência de uma certa autonomia feminina. Elas se impõem, enfrentam, põem o dedo em riste no rosto do marido, demonstrando que não são passivas nas relações conjugais.

Para reafirmar a masculinidade questionada, acionam práticas de violência junto às companheiras/esposas como forma de minimizar a desonra sofrida pela afronta (ARENDT, 2009; WEBER, 1994). Pensando a partir de Arendt (2009), o uso da violência é um recurso utilizado quando não há realização total ou parcial da dominação, sendo, portanto, um dos últimos recursos usados no sentido de restabelecer a legitimidade da dominação já em vias de desaparecer. Assim, a perda da autoridade masculina, em várias esferas da vida social, pode ser um indicador da permanência da violência como instrumento de restauração de uma ordem de gênero tradicional pautada na dominação masculina.

As conquistas femininas nas mais diversas esferas da sociedade e, particularmente, na vida conjugal de homens e mulheres pesquisados, denotam uma mudança de comportamento refletida na condução das relações afetivas e no modo como as relações de gênero são vivenciadas por eles. O reconhecimento por parte dos homens, de que as mulheres estão galgando, cada vez mais, conquistas importantes que permitem a elas ter mais liberdade e autonomia, não quer dizer automaticamente que eles queiram perder inteiramente o domínio sobre suas ações e sobre a parceira. A aceitação do avanço dos direitos das mulheres não implica dizer que eles devam, a partir de agora, ser dominados por elas. Qualquer sinal de perda de poder é visto como dominado e precipita os atos violentos.

Os excessos de autonomia, liberdade e individualidade feminina são percebidos como provocações. Querer mandar no companheiro, ousar ir até o bar para exigir que ele vá para casa, interferir na rotina de trabalho dos homens, querer trabalhar fora e “abandonar” o marido, os filhos e a casa, querer estudar e deixar que os estudos interfiram na relação conjugal, são interpretados como excessos do moderno comportamento de algumas mulheres e percebidos como provocação, uma espécie de ultrapassagem dos limites.

Há em alguns discursos a aceitação da autonomia feminina, mas essa os provoca, invadindo seus espaços, fazendo-os perceber que estão perdendo poder. Ganho de poder feminino é permitido, desde que os homens não percam poder. As provocações ocorrem quando compreendem que a autonomia, liberdade e individualidade feminina os fazem perder poder, ou seja, quando elas querem mandar neles. Autonomia sim, mandar neles nem pensar.

Valdemir, por exemplo, fica incomodado quando a mulher procura interferir publicamente nas suas rotinas de homosociabilidades. Essa “invasão” leva a uma inversão nas ordens de gênero: afinal, quem deve controlar? Homens ou mulheres? Ou as relações devem ser iguais? De acordo com as normas tradicionais de gênero, exercer alguma forma de controle sobre o outro foi destinado ao gênero masculino. Claro que controlar nem sempre é sinônimo de domínio. A esposa de Valdemir, por exemplo, busca formas de controlar o marido, no entanto, através de agressões (verbais ou físicas) impede que seja mandado. Sabedor de que sua esposa não se comporta passivamente na relação, procura estratégias para não ser um *varunca*. Lembrando que esta noção implica em dizer que o homem não manda nunca, ou seja, a ênfase é na ausência do mando masculino e não numa afirmação positiva do mando feminino. Nesse sentido, a dominação masculina, mesmo questionada, parece ser tratada de maneira naturalizada.

Nota-se também, que um desencadeador dos conflitos é a mudança de comportamento feminino no curso da vida conjugal. As mulheres estão estudando mais do que os homens, boa parte delas estudam e trabalham e

esse cenário está sendo aceito por muitos homens, no entanto, tem horas que isso tudo é entendido como provocação.

O fato de a esposa estudar e trabalhar fora de casa, ter autonomia financeira podem representar ganhos de poder para ela e perda para ele. Ainda mais se ela capitaneia tais ganhos no sentido de impor suas vontades e minar, cada vez mais, o poder dele. Estudar e trabalhar fora são indicadores de uma possível autonomia feminina e enfrentamento junto às práticas e comportamentos de violência no relacionamento conjugal. Nesses espaços, há possibilidades de obterem informações e conhecerem novas pessoas, nesse sentido uma ameaça ao domínio e controle masculino. Para evitar tal situação, um dos caminhos é impedir que sua esposa frequente esses *lugares perigosos*, evitando que ela adquira mais conhecimento, que experimente o sabor de decidir sobre os seus próprios gastos, mantendo-a sob seu julgo (MENDES, 2005).

O desencadeamento das práticas violentas obedece a uma via de mão dupla: as práticas violentas ocorrem quando existe “provocação”, entendida como comportamento feminino de invasão dos “espaços masculinos”, elas aparecem, então, para reforçar a masculinidade, dizer quem manda e quem obedece. É possível encontrar relatos de mulheres que diziam que apanhavam dos maridos, mas desconheciam os motivos latentes. Entende-se que numa situação de conflitos conjugais os motivos podem ser latentes e/ou adjacentes (que se manifestam inconscientemente), motivos como estes levam ao reforço de dispositivos de dominação, encarnada na violência contra a mulher.

Efetivamente, essa violência marca os corpos femininos e os modelos de masculinidade. Ao marcar um modelo, demarca as fronteiras de gênero. Na violência conjugal, especificamente as vítimas (mulheres), não são totalmente passivas diante das práticas e situações de violência sofrida, elas reagem de diversas maneiras e em alguns casos podem ser as *agressoras*. Percebeu-se que as acusações de agressão foram mútuas. Vítimas e agressores se misturam, desmistificando a tese da natureza violenta do gênero masculino.

A violência é um tema complexo, exigindo se afastar das interpretações simplificadoras e maniqueístas que pouco aprofundam

o âmago da questão. Assim, as análises sobre violência exigem um olhar acurado, sofisticado, que evitem as dualidades estanques (sim/não, agressor/vítima, etc). Os dados revelam que se deve ir além dessa forma de analisar o fenômeno da violência conjugal. Homens e mulheres, portanto, são protagonistas e também vítimas de dispositivos de dominação incorporados fortemente desde suas infâncias, o que acaba por sedimentar modelos de gênero, tendo como consequência uma dominação sentida e praticada de forma naturalizada e simbólica (BOURDIEU, 2010; VALE DE ALMEIDA, 1995; OLIVEIRA, 2004).

É importante ainda frisar que as práticas violentas contra as mulheres/esposas/companheiras podem ser percebidas como fruto do mero acaso, de um acidente natural, num ato de defesa, reflexo de uma reação sendo o ato, em si, interpretado como involuntário: *“apenas a empurrei... não sei como ela se machucou”*. O próprio comportamento da mulher (“ela é muito ciumenta”) é utilizado como situação provocadora que faz o homem perder a paciência e recorrer aos empurrões. Os empurrões, no seu entender, não pressupõem um ato de agressão, um espancamento, mas uma estratégia de evitar o pior. A relação vítima/agressor se mistura, aquela que fora vítima passa a ser a provocadora e aquele que fora acusado de agressão passa a ser vítima das provocações.

Como demonstrado anteriormente, em muitas situações os homens aceitam as conquistas femininas, não rejeitam em definitivo a inserção de suas parceiras no mercado de trabalho, especialmente quando a renda familiar tende a aumentar, mesmo ciente do risco de que nessa situação a autonomia feminina é algo bem presente. Além disso, o fato da parceira estudar nem sempre é visto como um complicador das relações conjugais, claro que se levando em conta alguns fatores internos da relação, como por exemplo, a presença de filhos pequenos.

Quando as mulheres querem assumir o comando: separação e controle feminino

Percebe-se que um dos aspectos presentes nos conflitos conjugais está relacionado à separação do casal. Como em boa parte das separações,

os homens parecem não reagir bem a essa situação, ainda mais quando nutrem algum sentimento pela companheira ou quando a decisão da separação é tomada por ela. A decisão feminina de separar é, de certa forma, um indicador de liberdade e autonomia feminina. O fortalecimento disso pode levar a perdas de poder masculino e quando isso acontece, muitas vezes, é a violência física ou simbólica contra a (ex) companheira, um instrumento pelo qual se busca o restabelecimento da ordem tradicional de gênero no contexto conjugal, guiada por valores culturais que conduzem suas práticas e percepções sobre a relação conjugal, cujo papel feminino é de submissão e conformação.

Ele é muito ciumento e não aceita a separação, quando invadiu minha casa só não me espancou mais porque a vizinhança e o meu namorado impediram [...] foi aí que ele disse: “se não ficar comigo não fica com mais ninguém” (Josélia, ex-companheira de Vianney).

Quem não aceita o fim do relacionamento é mais ela do que eu... (Vianney).

A desqualificação da ex-mulher é a estratégia de defesa utilizada para enfrentar a dura ou quase certeza do fim do relacionamento. Na medida em que não aceitam a separação, a tentativa de desmoralizá-las frente à comunidade e colegas de trabalho é a saída para justificar a incapacidade de ter deixado a mulher escapar, uma notória demonstração de sua fragilidade e ineficácia de ter o controle sobre as ações da companheira.

Tinha ciúme de tudo... eu não podia vestir um vestido que se ele achasse que era curto pronto já vinha aquela arenga... ele me esculhamba no meio da rua, até no meu trabalho ele vai, não aguento mais. Ele não aceita a separação... (Marta, ex-companheira de Venâncio).

Essa demonstração pública de controle feminino é visualizada também no caso de Valdemir. Ele usa a profissão como estratégia para contrapor o controle feminino. Trabalhar com transporte alternativo exige simpatia com o público, uma atenção aos passageiros e horários incertos

para chegar em casa. O que ele questiona é o abuso feminino de interferir no seu trabalho, ainda por cima na frente dos colegas de trabalho. Deixar passar isso despercebido é assinar um atestado de que a esposa está com as rédeas da dominação. Nesse sentido, a violência é a revelação pública da falta de autoridade, abrindo fissuras nas relações conjugais.

não posso sair pra beber com meus amigos... Como trabalho com transporte alternativo, não tenho horário fixo para terminar as viagens, se precisar fazer uma viagem a gente vamos, mas daí se chego tarde em casa é confusão. Ela diz que sou mulherengo... O que acontece é o seguinte, eu lido com público, tenho que ser simpático, faz parte da minha profissão...
(Valdemir).

Em geral, os discursos apontam que mesmo homens e mulheres buscam estratégias de controle. Deixar que a mulher tome as rédeas absolutas das ações aponta para um aspecto desqualificador do que vem a ser homem ferindo, assim, uma prerrogativa masculina de ser dono do seu próprio domínio e dos outros e não o contrário. Por isso, reiterando, qualquer movimento no sentido de garantir às mulheres mais autonomia e liberdade e, conseqüentemente, mais ganhos de poder para elas e cada vez menos poder concentrado nos homens, a percepção de que esse movimento produz mais violência, instrumento que serve para dramatizar as queixas e trazer à tona o processo de deslegitimação daqueles que se entendem (entendiam) como dominantes.

A separação, a partir desse eixo interpretativo, apresenta-se como uma situação de desconforto para os homens, especialmente, quando a (ex) esposa/companheira/namorada decide se separar e logo em seguida encontra outra pessoa: *“ele é tão ciumento que amassou o tanque da moto do meu atual namorado. Ele não concorda que o namoro chegou ao fim...”* (Kátia, ex-namorada de Virgulino). A existência de “outro” possibilita dois caminhos interpretativos: 1.) Mais poder de decisão concentrado na mão feminina, já que ela decidiu pelo fim do relacionamento e 2.) O interesse dela por esse outro pode ter acontecido quando ainda estava na relação com o homem acusado de agressão.

No primeiro caminho, a assunto é separação quase sempre a decisão final recai sobre a mulher, os homens quase sempre procuram protelar tal decisão porque estão numa situação mais cômoda na relação conjugal, especialmente quando a divisão sexual do trabalho é regida pelos ditames das normas tradicionais de gênero.

No segundo caminho, cresce a suspeita de que ela possa ter sido infiel durante o relacionamento. E nesse campo, o controle sobre a sexualidade feminina, os aspectos relacionados à autonomia e liberdade feminina, apresentam-se como ponto dos mais problemáticos de aceitação por parte dos homens. Se, como foi dito, há por parte dos homens pesquisados, o reconhecimento e até, às vezes, a aceitação das mudanças na ordem tradicional de gênero, parece ser na esfera da escolha do parceiro sexual da mulher o ponto nevrálgico, inegociável, onde os homens querem ter o poder de decisão e controle da sexualidade feminina.

Sobre a formação de novas relações conjugais, havia poucas referências à qualidade dos novos parceiros, era um assunto evitado, especialmente pelas mulheres. Falar abertamente pode ser um sinal de suspeição de seus princípios morais, abrindo espaço para o fortalecimento do argumento masculino de que ela não vinha se comportando como mandam as normas tradicionais de gênero. Quando esse assunto se apresentava era porque os ex-companheiros(as) ou ex-namorados(as) não aceitavam tal situação.

Nesse aspecto, percebe-se que o conteúdo da argumentação muda. Para as mulheres, o assunto vem à tona para explicar a qualidade possessiva do ex ou para mostrar que a nova relação foi construída após a separação, e para os homens o assunto aparece para desqualificar moralmente as mulheres, colocando em suspeita a fidelidade feminina. Essa formação discursiva se explica, em parte, porque as DEAMs são consideradas espaços de demonização dos homens (discursos femininos) e de “inquisição” e opressão aos homens (discursos masculinos).

Tentar de alguma forma exercer publicamente o controle sobre os homens é interpretado como provocação. Daí a ideia de a mulher/esposa merecer uma correção: quer mandar no marido e não cuidar da casa e dos

filhos, atributos considerados femininos. As alegações masculinas circulam em torno de desqualificar o comportamento feminino como mecanismo de justificar suas práticas violentas. Essas informações nos permitem demonstrar como não só as práticas violentas, mas suas justificativas são fortemente marcadas pelas relações de gênero. Os discursos masculinos sobre suas práticas violentas indicam uma visão de mundo recortada por gênero.

A presença excessiva de comportamentos femininos fora dos padrões tradicionais faz com que os homens se mostrem desconfortáveis, buscando reparar a normatividade esperada através de práticas violentas. Em seus discursos, quando assumem que cometeram algum tipo de agressão é para mostrar que estavam certos e que foram provocados. A exposição do ciúme feminino e a tentativa de impedir que eles frequentem alguns locais com os amigos, controlar seus horários, dizer quando devem chegar em casa, são percebidos como tentativas de mando feminino. Ser dominado (ser um “barriga branca”) representa que o poder mudou de mão. Mas, ainda se veem como machos o suficiente para reivindicar o mando.

Acreditam ser natural um homem sair a qualquer hora para beber e conversar com os amigos. De preferência sem a presença da esposa, que frequenta com ele outros ambientes considerados propícios à presença de mulheres de família, porque são vistos como lugares impuros e inapropriados para elas. A gramática dos espaços de sociabilidades masculinas e femininas possui características e conteúdos distintos. Assim, cada uma tem uma ordem moral e lógica peculiar, demarcando os espaços e as coisas tidas como masculinas e femininas.

Um argumento muito presente nas falas dos homens é a tentativa feminina de querer prejudicá-los: *“Tudo que ela quer é me processar criminalmente...”* (Vagner). Independentemente da veracidade dos fatos, uma questão é importante de ser refletida. Em nenhum caso as mulheres são colocadas como sujeitos passivos. Indicando que numa relação conjugal, os conflitos são desencadeados por que o casal age e pensa relacionalmente.

A construção de uma imagem de mulher violenta ajuda a enfrentar o crescimento do poder feminino. Essa imagem de mulher violenta ou que fica bêbada e não respeita o parceiro é usada como forma de questionamento

do comportamento feminino. O homem pode até ficar num bar e não ser perturbado pela mulher, já a autonomia feminina para fazer uso de bebida alcoólica ultrapassa os limites de autonomia permitida de acordo com as relações de gênero, porque inverte a situação.

Não se está negando que as mulheres também reagem e até usam de práticas violentas (MENDES, 2005), quando se refere à imagem não implica dizer que esta tal imagem esteja descolada do mundo vivido, mas que ela reforça a percepção dos homens de que no mundo contemporâneo está aumentando o empoderamento feminino, ao ponto de enfrentá-los publicamente.

Quando são agredidos pelas esposas, companheiras ou namoradas, dificilmente vão à delegacia prestar queixa. Até relatam o fato quando estão sendo “ouvidos” na DEAM, mas discursam negativamente o sentido de usar os meios jurídicos para denunciá-las. Ao serem questionados porque não usaram os meios legais dizem que seria ridículo um homem assumir que apanhou da mulher. O discurso de Valderi é construído no sentido de demonstrar o quanto seria vergonhoso assumir tal situação. Principalmente, quando a mulher a que se está referindo é a própria esposa, aquela que supostamente o marido deveria dominar. “*O que as pessoas iriam pensar?*”, reflete ele. No seu entender, iriam pensar que seria um fraco, adjetivo que na lógica masculina não combina com as características de ser um *homem de verdade*.

Quando indagados sobre sua reação no momento da agressão sofrida, ele falou que não revidou porque sabe que naturalmente o homem é mais forte, tendo todas as condições físicas de feri-la gravemente, se assim quisesse, não fez porque ser homem é, antes de tudo, ter um comportamento respeitoso com a esposa. Perguntamos se ele não pensou em chamar a polícia ou mesmo prestar queixa contra a companheira ao que ele respondeu: “*você acha que me passaria por esse papel? Imagine o que a delegada, as pessoas da delegacia, vocês iriam pensar de mim? Que tipo de homem iriam pensar que eu sou – ‘um homem que apanha da mulher’*”.

Isso demonstra que seu comportamento naquele momento foi guiado por uma lógica de gênero que coloca os homens como mais “fortes”, mas nem sempre capazes de impor sua vontade. Na medida em que ela

bate, grita e não deixa ele sair com o carro, não está cumprindo os ditames tradicionais do modelo de gênero, algo espera por ele. Diferente de outros homens que discursaram no sentido de usar a violência para conter a fuga das mulheres desse modelo, Valderi se diz vítima de violência perpetrada por sua esposa.

Em seu discurso, percebe-se uma ambiguidade presente: ao mesmo tempo em que não tem coragem de expor suas fragilidades de homem denunciando a esposa, encoraja-se e diz no seu depoimento (enquanto acusado) que foi vítima de violência conjugal. De qualquer forma, ainda se notam elementos que reforçam a tradicionalidade das relações de gênero e, ao mesmo tempo, sinalizam em direção a um discurso vitimista, que não só foi vítima da violência feminina, como é vítima do modelo de masculinidade imperante que impede ou freia algumas tomadas de decisões, como por exemplo, denunciar a esposa.

Considerações finais

Nos discursos masculinos se pode perceber fortes apelos ao cumprimento das normas tradicionais de gênero imputadas às mulheres, mas também se pode perceber que tais reivindicações se tornavam mais fortes à medida em que ocorria um crescimento da autonomia e liberdade feminina, ou seja, quando se sentiam ameaçados. Tais investidas se apresentam nos discursos, através das ambiguidades, contradições e incoerências, provavelmente estratégias que demonstram não lidarem bem com as novas situações que se lhes apresentam através das posturas e comportamentos femininos. Notando que a divisão requerida pelas mulheres era por autonomia e liberdade, os homens passavam habilidosamente a ter posturas ambíguas. Ao tempo que reconheciam as conquistas e direitos femininos adquiridos, impunham-lhes limites, controle no comportamento.

Em se tratando de violência conjugal, reforçamos aqui ser fundamental trabalhar com os homens, uma vez que são eles majoritariamente os agressores. Fazendo isso, certamente poderá se chegar mais próximo de explicações mais eficazes e concretas sobre tal fenômeno.

De acordo com Medrado e Lyra (2011, 2008, 2002), para compreender a violência de homens contra as mulheres é preciso incluir análises sobre os processos de socialização masculinos e os significados de ser homem em nossa sociedade, na qual esses são educados para reprimir suas emoções, sendo a agressividade, incluindo a violência física, formas geralmente aceitas como marcas ou provas de masculinidade.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

DA MATTA, Roberto. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, Dario (org.) **Homens**. São Paulo: Senac, 1997.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 809-840, setembro-dezembro/2008.

_____. **Teorias feministas para estudos com e sobre homens e masculinidades**. [2011] Disponível em: <http://acobol.org.bo/acobol/images/coloquio_internacional.pdf#pag e=85> Acesso em: 13 fev. 2013.

_____. “Produzindo sentidos sobre o masculino: da hegemonia à ética da diversidade”. In.: **Coletânea Gênero Plural** / organizadores: Miriam Adelman, Celsi Brönstrup Silvestrin. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

MENDES, Mary Alves. **Mulheres Chefes de Família em áreas ZEIS: gênero, poder e trabalho**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

MOORE, Henrietta L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos PAGU** (14) 2000: pp. 13-44.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si** - Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade** (vol 1). Brasília: UNB, 1994